

LITERATURA BIOGRÁFICA E A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA

Maria Suely da Costa; Eduardo de Jesus Avelino do Nascimento

*Universidade Estadual da Paraíba - mscosta3@hotmail.com /Universidade Estadual da Paraíba –
eduardo_jesus29@hotmail.com*

Resumo: A proposta deste estudo tem por foco as representações da mulher negra sob outro viés, a exemplo de mulheres enquanto sujeitos que resistiram a um sistema de exploração, tornando-se protagonistas de sua história. Nesse contexto, as produções literárias biográficas apontarão para um discurso traçado pelas marcas de uma valorização da imagem da mulher negra, ou seja, a possibilidade de identificar a valorização mediante a configuração de uma identidade positiva. Tais aspectos são notáveis em produções poéticas da cordelista cearense Jarid Arraes, escritora comprometida com projetos sobre direitos humanos. Uma leitura comparativa dessa produção tende a melhor compreensão das formas de como essa modalidade literária detém a representação do imaginário histórico. O que se pretende, mais especificamente, nesta investigação que ora se apresenta, é verificar os processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade positiva da mulher negra em textos da literatura cordel, que tende a assinalar a visão de uma identidade negra afirmativa. Este texto mostra parte de uma pesquisa cuja proposta tem um caráter de continuidade na investigação de uma problemática que é ao mesmo tempo representativa do sistema cultural brasileiro: os aspectos que definem a representação da mulher negra pelo viés da literatura. Porém, não deixa de ser inovadora, uma vez que pretende ampliar o processo de investigação referente à produção do cordel no contexto da literatura em específico referente à mulher negra que lutou na resistência do Brasil escravocrata. Do ponto de vista da arte, enquanto espaço propiciatório para representação e difusão de ideias e valores, pode revelar o papel dessa literatura que, em sua interação com a comunidade na qual se insere, tende a contribuir para reflexões de aspectos formadores de uma identidade, nesse contexto atual, da mulher negra.

Palavras-chave: Literatura, Mulher, Identidade.

Introdução

Os registros literários mostram-se ser de suma importância para a compreensão dos sujeitos em determinados períodos históricos, pois acabam por fornecerem dados da realidade que muitas vezes não são captados pelos registros históricos ou quando o são poucos são divulgados. Isso porque a literatura “percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciaram, mas que a ficção reconhece em seus detalhes”. (COMPAGNON, 2009, p.50).

No que diz respeito à figura da mulher, esta sempre esteve à margem dos estudos históricos. E quando se torna fator de interesse, a compreensão da mulher, em diferentes momentos históricos, enxerga o comportamento feminino e cria representações para as mulheres sob discursos legitimadores, à base dos discursos filosófico-religiosos, atestando a inferioridade "natural" das mulheres. Nas palavras de Tedeschi (2008. P. 123)

Esses discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a

situação de inferioridade em que o sexo feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, e educação, o direito, etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo.

Sendo assim, ao longo da história, não é difícil de encontrar a imagem da mulher associada a estereótipos de inferioridade e negatividade. Recai sobre elas termos com alcunha sexista, machista e, ainda, à servidão e submissão perante a cultura em que predomina o homem como centro da sociedade.

No contexto brasileiro, sabe-se que o país é composto historicamente como uma nação de imensa pluralidade cultural. Todavia, o reconhecimento de tamanha diversidade, implica, necessariamente, em se ter clareza de que os fatores que constituem uma identidade não se caracterizam por uma rigidez; mas, pelo contrário, inserem-se no campo de uma pluralidade identitárias, considerando que “a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. (HALL, 1999, p. 13)

Desta forma, torna-se relevante verificar registros da luta de mulheres que fizeram parte da história não apenas como figurantes, mas como autoras de sua própria historiografia, estamos nos referindo às protagonistas da poesia biográfica da autora Jarid Arraes.

Este estudo traz parte de pesquisa de iniciação científica (PIBIC/UEPB) que se concentra na análise das produções da cordelista Jarid Arraes. Neste caso, o objetivo está verificar como se versificou a luta e resistência de mulheres que não aceitaram o cativeiro da exploração. Os cordéis objetos deste estudo descrevem o espírito de liderança, de luta e resistência que mulheres negras tiveram que ter para enfrentar o destino que lhes fora imposto.

O teor de militância assumido pelas mulheres negras *Dandara dos Palmares*, *Luiza Mahin*, *Aqualtune*, *Tereza de Benguela* e *Tia Simoa*, cujos nomes dão títulos aos cordéis objeto de estudo, põe em cena as noções de marginalidade, alteridade e diferença (PACHECO, 2004). Nestas publicações, tem-se o ressignificar da mulher negra, especialmente na literatura, que em vários momentos esteve disposta secundariamente, em função de um cânone marcado pela exclusão das mulheres enquanto sujeito do discurso e pela adulteração na representação da experiência e história femininas. Essa mudança de foco do estereótipo pode ser verificada na construção dos cordéis escritos por Jarid Arraes, aspecto relevante se comparado a outros cordéis escritos cujo traço de representações negativas e

inferiorizadas dos negros tende a ser muito presente (FRANÇA, 1988).

Na escrita da Jarid Arraes têm-se protagonistas mulheres em busca de outro mundo, de um outro discurso para além daqueles que acentuavam a mulher como sujeitos frágeis e submissos, recusando ao que seriam os estereótipos da “sensibilidade feminina”. Apoiada em fatos historiográficos, o discurso tende a provocar uma leitura positiva da pluralidade cultural, social e étnica. Por conseguinte, preconiza-se uma leitura problematizadora de questões relacionadas ao respeito à diferença e na luta pela paridade de direitos.

Trazer as heroínas negras para o contexto literário é ao mesmo tempo dar aparato a divulgação de trajetórias de lutas e, por conseguinte, “reclassificar” a atuação destas no contexto histórico, pois, por meio deste espaço e demais outros de leituras e estudos, criam-se as possibilidades de apresentar a mulher negra como forte, valente, lutadora por ideais, reconstruindo, assim, outras representações para além do imaginário social da mulher submissa que “aceitou” o destino da condição de vida escrava.

O que se pretende, mais especificamente, nesta pesquisa que aqui parte se apresenta, é realizar um estudo dos processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade positiva da mulher negra em textos da literatura cordel, que tende a assinalar a visão de uma identidade negra afirmativa.

Metodologia

O viés dessa pesquisa teve por base o estudo bibliográfico voltado para representação da mulher e, em específico, a mulher negra. Para tanto, fez uso de referenciais bibliográficas de estudiosos que abordam a temática da representação da mulher negra na sociedade e na literatura.

Em função do foco temático, recorreremos a uma fundamentação teórica voltada para os estudos de Tedeschi (2008), Reis (2003), Hall (1991), Bernd (1988), Pacheco (2004), França (1998), Queiroz Junior (1975), Maxado (1994), Munanga (2003), Reis (2003), dentre outros. Outro ponto de interesse está direcionado na linguagem literária, enquanto instrumento de resistência, conforme pontua Bosi (2002).

A leitura tem por base os estudos dos cordéis produzidos por Jarid Arraes. A partir dos levantamentos de dados históricos, fez-se necessário a comparação biográfica da atuação das mulheres que nomeiam as produções da cordelista. O foco esteve em verificar a representação discursiva dessa literatura biográfica quanto à atuação das

mulheres negras: Dandara, Tereza de Benguela, Tia Simoa, Luísa Mahin e Aqualtune. Mulheres que marcaram sua presença na história por atuarem na luta contra a escravidão.

Com efeito, os cordéis biográficos protagonizados por mulheres negras acabam por dar foco às linhas apontadas por Proença Filho (2004, p.161) ao defender que a presença do negro na literatura tende a evidenciar, “na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada”. A poesia de Jarid Arraes se inscreve nesta última.

Discussões e Resultados

O período escravocrata foi uma mancha terrível no cenário histórico brasileiro. Além das constantes agressões sofridas pelos negros, o período marcou, também, pelo genocídio causado pela ignorância humana, o pensamento de superioridade do homem branco. Este pensamento refletia em atitudes que desencadeavam sucessivas torturas nos homens e mulheres que se rebelavam contra os que se diziam seus senhores.

No Brasil, a partir de 1880, teve início o movimento abolicionista, que apesar de movimentos anteriores a esta década em prol dos negros sem resultados expressivos, a ação política pretendia por fim a escravidão no país. Um dos grandes marcos a favor dos escravos foi a lei Eusébio de Queiroz, de 1850, que a partir da pressão sofrida pelo governo da Inglaterra, promoveu o fim do tráfico de escravos, no entanto, a lei não excluía a escravidão.

Apesar da lei então em vigor, os senhores de escravos continuaram com a venda e exploração do trabalho escravo internamente, ou seja, continuara entre os fazendeiros no Brasil o comércio de escravos. No entanto, os senhores de escravos tiveram perdas financeiras, devido a não exploração do comércio internacional escravocrata, porém, não findou com o negócio interprovincial, em que fazendeiros lucraram a partir da venda de escravos entre si. Joaquim Nabuco (2010, p. 7) o período conhecido por abolicionista diz que,

Em 1850, queria-se suprimir a escravidão, acabando com o tráfico; em 1871, libertando-se desde o berço, mas de fato depois dos vinte e um anos, os filhos dos escravos ainda por nascer. Hoje quer-se suprimi-la, emancipando os escravos em massa e resgatando os ingênuos da servidão da lei de 28 de setembro. É este último movimento que se chama abolicionismo, e só este resolve o verdadeiro problema dos escravos, que é a sua própria liberdade. A opinião, em 1845, julgava legítima e honesta a compra de africanos, transportados traiçoeiramente da África e introduzidos por contrabando no Brasil. A opinião, em 1875, condenava as transações dos traficantes, mas julgava legítimas e honestas a matrícula depois de 30 anos de cativo ilegal das vítimas do tráfico. O abolicionismo é a opinião que deve substituir, por sua vez, esta última, e para a qual todas as transações de domínio sobre entes humanos são crimes que só diferem no grau de crueldade.

Era é evidente a urgência em acabar com a escravidão, todavia, esta iniciativa partia de um princípio político, em não ficar mal visto perante o governo inglês. No entanto, apesar da forte pressão sofrida, a escravidão no Brasil durou até a então assinatura da lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, no ano de 1888, aos dias 13 do mês de maio. Com a então sanção da lei, os fazendeiros cafeeiros se indispuseram com a monarquia, apoiando a ideia de uma nova forma de governo para o Brasil, a República, que já tinha adeptos para esta corrente.

Após esta breve introdução do período abolicionista, destaca-se agora o papel de mulheres consideradas, por muitos, heroínas. Estas mulheres aqui descritas tiveram seus feitos apagados da memória coletiva, no entanto, faz-se presente em vários estudos que pretendem demonstrar sua grandeza durante a luta contra o regime escravista. Ao analisar os cordéis objetos deste estudo, verifica-se história de mulheres negras que protagonizaram a resistência e buscaram por liberdade para si e para os irmãos de cor.

Exemplo de luta e resistência teve Dandara dos Palmares, que lutou em defesa do povo negro e pela liberdade. Liderou homens e mulheres em confrontos armados. No cordel que recebe o nome da guerreira, a escritora Jarid Arraes apresenta a mulher de força, coragem e determinação e assim a descreve:

A guerreira de Palmares
Resistia com bravura
O orgulho era profundo
Sua pele era armadura
Determinação crescente
Tinha como assinatura.

(ARRAES, 2014a, p., 4)

Com tamanho determinismo Dandara lutou pela libertação dos negros, no entanto, não se vê exposto sua atuação na luta contra a opressão que este povo sofria. Os livros didáticos, por exemplo, relatam a bravura do homem, colocando, assim, a figura da mulher à margem. Quando se fala em Dandara, muitos a recordam apenas por ser esposa de Zumbi dos Palmares, esquecendo de seu engajamento no movimento pelo fim da opressão, fato lembrado no poema:

A maior parte dos fatos
Que se conta sobre ela
É de lenda repassada
Como memória singela
Para despertar a preta

Que altiva se rebelava.

(ARRAES, 2014a, p., 5)

Vale destacar que a atuação histórica de muitas mulheres, seja na política ou no contexto social, foi esquecida ao longo do tempo, não recebendo o devido mérito por suas atividades em prol de ideais comuns, como exemplo, aqui destacado, a luta pela libertação. O que mais se ouve é a atuação heroica de homens, porém, esquecem de mencionar atitudes de grande valia como as de Dandara dos Palmares, mulher e esposa sim, mas lutadora e protagonista da resistência.

Assim como a negra Tereza de Benguela que, ao lado do seu marido João Piolho, liderou o quilombo Quariterê. Após a morte do seu marido, Tereza conduziu a liderança do quilombo de forma que o seu marco está não apenas em sua liderança como também em sua administração política, ao lado de um parlamento e conselheiros que auxiliavam sua administração. Aspectos de liderança e sabedoria são registrados no poema:

Mulher negra de coragem
E também de inteligência
Com talento e liderança
Com imensa sapiência
Foi Tereza de Benguela
Fonte de resiliência.

(ARRAES, 2014b, p., 7)

A cordelista descreve o seu lado de liderança como também de inteligência, que apesar de sua luta viu o seu quilombo atacado, em 1770, por Luiz Pinto de Souza que tinha a missão de exterminar o quilombo. O saldo deste ataque obteve cerca de 100 pessoas mortas, no entanto, Tereza foi capturada e logo após sua captura adoeceu, falecendo alguns dias depois. Teve sua cabeça cortada e exposta como forma de exemplo e tentativa de enfraquecer a luta dos negros.

De acordo com o registro
Tereza foi capturada
Mas depois de poucos dias
A rainha adoentada
Acabou-se falecendo
Da mazela ali tomada.

(ARRAES, 2014b, p.,5)

Outra mulher que protagonizou grandes feitos foi Tia Simoa, esposa de José Luiz Napoleão, atuou junto do marido na “greve dos jangadeiros” no

Ceará. A greve teve início a partir do momento que os jangadeiros se recusaram a transportar os navios negreiros até o porto de Fortaleza. Porém, a história de luta de Simoa foi obscurecida, não constando se quer nos relatos oficiais, todavia, ela se fez presente.

Pois Simoa lá estava
Quando a greve começou
Muito além do que parece
Ela assim participou
Pois ao lado do marido
Ela fez muito bonito
E a greve liderou.

(ARRAES, 2014c, p. 2)

Neste cordel, Jarid Arraes descreve o papel de mais uma mulher que teve seu nome apagado da história de luta e resistência contra a escravidão. A história de Tia Simoa está presente na memória dos grandes feitos de cearenses que lutaram contra a escravidão, no entanto, não valorizado e representado na história.

Chamada “Tia Simoa”
Ela foi negra liberta
Forte de convicção
Sua luta foi oferta
Pelo fim da escravidão
Por total libertação
Pela mente bem desperta.

(ARRAES, 2014c, p. 3)

A relação da mulher no contexto histórico sempre foi secundária. Apesar de muitas figurarem na linha de frente de episódios relatados ao longo do tempo, não foi dada à mulher a devida importância por seu ato de bravura, perseverança, altruísmo, que sempre nortearam a busca destas mulheres com o propósito de uma vida melhor, condições positivadas na semântica do poema.

Outro exemplo de destaque na poesia da autora cearense é o da negra Luísa Mahin.

As revoltas e levantes
Dos escravos da Bahia
Tinham a participação
Que Luísa oferecia
Sua contribuição
Era de grande valia.

(ARRAES, 2014d, p. 2)

Luísa Mahin nasceu no século XIX na Costa da Mina, onde ela dizia ser princesa. Foi vendida como escrava, mas em 1882 foi alforriada e passou a

sobreviver do trabalho de quituteira, função que a ajudou na revolução de Malês. Ela enrolava seus quitutes em mensagens escritas em Árabe e espalhava entre os envolvidos. Sua inteligência e coragem garantiram lugar de destaque entre a resistência negra, tanto na Revolta do Malês (1835) quanto na Revolta Sabinada (1837-1838).

Apesar de sua grande atuação, Luísa Mahin é mais conhecida por ser a mãe do abolicionista Luiz Gama, no entanto, sua história é capítulo importante no romance *Um defeito de cor*, 2006, de Ana Maria Gonçalves. Nesta obra, retrata-se história da Revolta do Malês que, na narrativa, Luísa é representada pela personagem Kehinde, como uma mulher/lenda na Bahia. O poeta Luiz Gama, dignificando-a, apresenta Luísa como mulher forte e uma das principais articuladoras. Verificar a voz masculina do poeta sobre a mulher negra ressignificando-a é lembrar o que defende Tedeschi (2008, p.40), "Ao abordar a história das mulheres pelas representações, busca-se trazer para o cenário os discursos de construção das identidades e da interpretação masculina do mundo. Cabe então a nós, homens e mulheres, contribuir para desnaturalizar essa história". A poesia de Jarid recorre a esse discurso desnaturalizador:

Mas Luísa era guerreira
A rebelde sem igual
Fez sua casa na Bahia
Feito um quartel general
Onde eram planejadas
As revoltas sem igual.

(ARRAES, 2014 d, p. 5)

Aqualtune, mulher guerreira, também tem sua atuação de resistência esquecida. Filha do rei do Congo, liderou um exército de 10 mil homens em batalha. Após a derrota do seu reino, foi capturada e vendida como escrava reprodutora. Chegando ao Brasil com sua sentença já definida foi inúmeras vezes violentada, e durante a gravidez foi vendida para uma fazenda na localidade de Porto Calvo, engenho pernambucano. Nos últimos meses de gravidez, organizou e liderou a fuga de companheiros para Palmares, onde, após contar sua linhagem, foi considerada rainha do quilombo.

Foi vendida como escrava
Chamada reprodutora
Imagine o pesadelo
Que função mais redutora
Pois seria estuprada
De escravos genitora.
[...]
Mas na vida de tortura
Aqualtune ouviu falar

Sobre a pura resistência
Dos escravos a lutar
E ouviu sobre Palmares
O que pode admirar.

(ARRAES, 2014e, p. 3-4)

Por vezes, a literatura segue a linha de exclusão de mulheres historicamente importantes, no entanto, produções como da cordelista objeto deste estudo marcam um novo momento literário, pois trazem ao público uma reconstrução positiva da mulher negra, deixando de lado estereótipos que marcavam negativamente a mulher, assim, segundo Maxado (1994, p., 93), “hoje muitos autores procuram mostrar o negro sobre outro ângulo. Há também mitos negros, que são mais conscientes, contribuindo para mudança do estereótipo”. Nestes termos, pode-se verificar a condição dada a linguagem carregada de sentidos. Considerando que a literatura também é uma linguagem carregada de força ideológica. Dentro do contexto, são observadas tensões entre diferentes valores, conflitos entre forças sociais (BOSI, 2002). A abordagem das obras permite verificar, no cerne do trabalho da escrita, um enfrentamento de pressões externas, de uma sociedade que muito ainda tem de preconceitos e segregações.

Considerações finais

Os cordéis aqui apresentados trazem uma nova representação da mulher negra na literatura. O ponto positivo destes cordéis está na persistência de uma representação da negra de modo afirmativo, de identidade de guerreira, dentro de um ideário de luta e resistência.

Essa mudança de foco do estereótipo pode ser verificada na construção dos cordéis escritos por Jarid Arraes, aspecto relevante se comparado a outros cordéis escritos cujo traço de representações negativas e inferiorizadas dos negros é muito presente (FRANÇA, 1988);

As diferentes formas de representação do negro, associadas aos personagens neles biografados, acabam por dar relevo a marcas que se opõem às construções estereotipadas e preconceituosas. Isso porque a representação está voltada para o perfil guerreiro, veiculado à luta e a resistência, além dos feitos gerados. De forma que é possível afirmar que, com base no referencial da história, a produção literária em Cordel muito contribui para revalorização de fatores constitutivos da construção da identidade negra, promovendo práticas discursivas valorizadoras da pluralidade cultural e desafiadoras das discriminações.

A partir do que foi exposto neste artigo, observa-se a presença da mulher de forma significativa por outra vertente que a qualifica e demonstra seu papel no cenário histórico brasileiro. As mulheres aqui apresentadas são elevadas ao *status* de heroínas, enquanto sujeitos de bravura, devido a sua atuação na luta contra a escravidão e a opressão. De certo, estas lutas não foram fáceis, o que provocou o sofrimento de muitos que nela tiveram participação.

Ressignificar o papel da mulher no contexto histórico é também reconhecer a sua função enquanto ser social, que sonha e luta por seus ideais. A valorização destacada nos cordéis tende a problematizar o imaginário popular de visão da mulher submissa, ainda mais em contexto escravocrata, e reconhecer sua participação na resistência. Assim, ao observar os cordéis, notam-se palavras que assumem uma nova posição da mulher, tais como: guerreira, liderança, resiliente, bravura, sapiência, palavras que adjetivam de forma positiva a mulher.

A literatura de cordel tem contribuído para uma nova visão da mulher. Pelo viés da literatura biográfica, a escritora Jarid Arraes utiliza-se de uma linguagem cujo discurso dá visibilidade à biografia de mulheres esquecidas pela história ou postas secundariamente na sociedade. Ao fazer-se da literatura que ressalta o valor destas mulheres, a cordelista evidencia a luta e resistência que estas travaram para se libertarem do aprisionamento escravocrata da época. Assim, inscreve o lado social da literatura que traz à luz questionamentos inerente à sociedade.

Com efeito, o exercício de leitura com a literatura de cordel, a exemplo dos textos expostos, contempla não somente conhecer o gênero em si como também favorece a possibilidade de discussão sobre o cenário social e cultural brasileiro. De certo, aqui os cordéis serviram para desmistificar a mulher como ser subserviente, inserindo-a em um novo contexto de representação social. Todavia, estas produções servem também para recontar, a partir dos versos, a história de mulheres que ficaram rotulados por termos pejorativos, apresentando-se, assim, uma nova identidade da mulher negra, que do ponto de vista discursivo, encontra-se a reafirmação da mulher negra e valorização a sua identidade.

Com sua escrita poética em torno da reflexão sobre a condição da mulher na sociedade, assim como aponta Hollanda (1981), a Jarid Arraes se insere nos setores mais jovens de escritores empenhados em acentuar a recusa ao que seriam os estereótipos da “sensibilidade feminina”, para tanto apresentam protagonistas mulheres em busca de outro mundo e outro discurso para além daqueles que a “frágil imaginação feminina” poderia vislumbrar.

Referências

- ARRAES, Jarid. *Dandara dos Palmares*. São Paulo, 2014a.
- ARRAES, Jarid. *Tereza de Benguela*. São Paulo, 2014b.
- ARRAES, Jarid. *Tia Simoa*. São Paulo, 2014c.
- ARRAES, Jarid. *Luisa Mahin*. São Paulo, 2014d.
- ARRAES, Jarid. *Aqualtune*. São Paulo, 2014e.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Minas Gerais: Terra roxa e outras terras-Revista de Estudos Literários, 2009.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. São Paulo: Record, 2006.
- MAXADO, Franklin. *O negro na literatura de Cordel*. Feira de Santana. Revista Sitientibus, n. 12, p. 93-100, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. São Paulo: DP&A, 1999.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: Uma primeira abordagem*. Acesso 10/08/17 em <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/>.
- _____. *A imaginação feminina no poder*. 1981. Acesso em 10/08/17 em <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-imaginacao-feminina-no-poder/>
- MOURA, Clóvis. *O preconceito de cor na literatura de cordel: tentativa de análise sociológica*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.
- MUNANGA, Kabengele. *Cem anos e mais de Bibliografia sobre o negro no Brasil*. São Paulo: USP; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- PACHECO, Joice Oliveira. *Identidade Cultural e Alteridade: problematizações necessárias*. **Revista eletrônica da UNISC**. Santa Catarina, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. In: ESTUDOS AVANÇADOS, n. 18 (50), 2004.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática. 1975.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TEDESCHI, Losandro, Antonio. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.